

Semiótica discursiva e a Teoria das Assinaturas: convergências epistemológicas*

Carla Andreia Schneider**

Maria Luceli Faria Batistote***

Resumo: Nossa proposta de estudo consiste na reflexão epistemológica dedutível relacional entre a semiótica discursiva e a Teoria das Assinaturas exposta por Agamben (*Signatura rerum: sobre o método*, 2019), mais precisamente as relações possíveis de convergência entre a *assinatura* e a construção de sentido dos signos e no discurso que se revela pela linguagem. O processo de assinalação, dessa forma, envolve a inscrição de valores que se alinham com a epistemologia de Greimas. Na análise da isotopia, utilizando a análise definicional de Greimas, a *assinatura* se apresenta na definição lexicográfica, enquanto lexema catalisador; na definição discursiva, se mostra na reiteração de semas que corroboram a permanência de um mesmo sentido; e, por último, na definição oblíqua, que trata da seleção cultural, as escolhas culturais realizadas pelo enunciador nas suas relações com a sociedade e a história reiteram ou procuram ressemantizá-la com modulações das intensidades de ausência e presença de valores eufóricos ou disfóricos, que não evitam a co-presença da *assinatura*. O *corpus* utilizado para o estudo compõe-se de narrativas jornalísticas que circularam na mídia em Mato Grosso do Sul, no mês de agosto de 2019, e outros enunciados em suportes diferentes de períodos anteriores, nos quais foram empregadas as mesmas figuras.

Palavras-Chave: epistemologia; semiótica discursiva; isotopia; assinatura.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.172646> .

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Brasil. E-mail: casddos@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2586-4898> .

*** Docente Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Campo Grande, Brasil. E-mail: marialucelifaria@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0023-1186> .

1. Considerações iniciais

Esta proposta de estudo refere-se às reflexões realizadas de forma dedutível relacional entre a Semiótica discursiva e a Teoria das Assinaturas de Agamben (*Signatura rerum: sobre o método*, 2019). Especificamente, procuramos estabelecer possíveis relações de convergência entre a concepção de *assinatura* deste filósofo e a construção de sentido dos signos, bem como no discurso que se revela pela linguagem. Analisar as proposições de Agamben (2019), pelo viés da semiótica discursiva francesa, decorre de várias percepções realizadas por Greimas em suas obras, percepções estas que possibilitam o reconhecimento de pressupostos apontados também pelo filósofo italiano. Entre tais pressupostos, encontra-se a problemática levantada nos estudos sobre a cólera (Greimas, 2014), ao se propor caminhos para transpor a fronteira cultural e estabelecer metodologias para a análise de lexemas que recobrem estruturas discursivas e narrativas complexas. Outra razão, ainda, que justifica nossa proposta foram as possíveis contribuições à estrutura da significação e às condições para o estabelecimento da isotopia discursiva.

Tal pressuposição leva em consideração o conceito formulado pelo filósofo italiano de que a *assinatura* é aquilo que, habitando nas coisas, faz com que os signos mudos da criação falem e se tornem efetivos. A efetividade implica na condução de uma interpretação para o enunciatário de um sentido que carrega relações de poder e de visão do mundo. Agamben (2019) propõe à teoria da significação desvendar o elo entre a *assinatura* e os signos, uma vez que aquela marca e caracteriza os signos no âmbito da enunciação, posto que nem a semiologia, nem a hermenêutica, resolveram a questão. O processo de assinalação, portanto, envolve a inscrição de valores, isto é, a categoria tímica que converge com a epistemologia de Greimas.

Para validação dos pressupostos teóricos, optamos por uma heterogeneidade¹ de suportes, de gêneros discursivos, e de períodos em que estes foram postos em circulação. Assim, os objetos de análise que fazem parte do *corpus* são enunciados que circularam na internet em diversos suportes e gêneros, como narrativas jornalísticas, literárias, fotografias, entre outros. O objetivo dessa seleção é comparar sincronicamente e diacronicamente a construção do sentido e as *assinaturas*, com o intuito de demonstrar a existência ou não do processo de assinalação. Dessa forma, as materialidades abrangem enunciados de diferentes períodos e diferentes localidades, tendo como

¹ A heterogeneidade foi um parâmetro estabelecido para constituir contextos diversos para uma representatividade plural de circulação dos sentidos, com o objetivo de obter categorizações diferentes de mundo que, com sua especificidade, definem culturas e civilizações.

referência o mês de agosto de 2019, o que permite, também, analisar as diferenças culturais.

Outro critério para a escolha dos enunciados para compor o *corpus* partiu de materialidades que possuem figuras e/ou temas com investimentos de valores disfóricos em relação a algum traço de descontinuidade entre objetos, pessoas, lugares, etc. A partir dessas materialidades, selecionamos outras que circularam anteriormente, em qualquer época e lugar, por meio de motores de busca na internet, que apresentam as mesmas figuras e/ou temas. Tal critério foi usado uma vez que, conforme afirma Greimas (1973, p. 27), a significação envolve “a existência de descontinuidades, no plano da percepção, e dos espaços diferenciais (como o fez Lévi-Strauss), criadores de significação”.

Para este estudo, especificamente, compõem o *corpus* de acordo com os critérios adotados com o lexema *favela*: a notícia *Medo de ‘favelão’ no Centro divide opiniões, mas arquiteto diz que projeto segue tendência mundial*, de Ana Paula Chuva (2019); o livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1984); os poemas *Vozes mulheres* e *Só de sol a minha casa*, de Conceição Evaristo (2008; 2014); e a fotografia *Beleza interior*, da primeira edição do projeto Favelagrafia (2016). Com o lexema *gauche*: *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade (2013); a notícia *Começa nesta quinta projeto que homenageia ‘gauches’ da MPB*, de Jamila Tavares (G1, 2019); o artigo de opinião *Quem não gosta de agosto?*, de Daniel Medeiros (2019).

2. Convergência epistemológica entre o conceito de assinatura e a semiótica discursiva

O capítulo intitulado “Teoria das assinaturas”, da obra *Signatura rerum* (2019), traz o conceito de *assinatura* formulado por Agamben, após o autor partir no texto de um percurso que começa na obra *De natura rerum*, de Paracelso, seus desdobramentos e suas convergências com outras teorias até o século XX. Sob a premissa paracelsiana de que a *assinatura* é a ciência por meio da qual tudo o que está oculto é descoberto e sem essa arte não pode haver nada profundo, Agamben retoma a ciência da *assinatura* como uma consequência do pecado original. Ou seja, uma consequência recebida por Adão e Eva ao provar da árvore do conhecimento do bem e do mal. Assim, na concepção de Paracelso, antes da expulsão do paraíso não havia *assinatura* em absoluto. Adão era inteiramente “não assinado”, somente após provar do conhecimento do bem e do mal, passou a ser *assinante*. Benjamin (2011) aborda alegoricamente o abandono da imediatidade que havia no homem no paraíso: com o pecado, o homem perdeu o elo essencial entre a linguagem e as coisas. Nessas condições, a *assinatura* originária é a língua por meio da qual o primeiro assinante, o homem, deu nomes precisos às coisas. A partir desses pressupostos, Agamben desenvolve sua

epistemologia sobre a *assinatura* explorando as semelhanças e as diferenças entre conceitos e definições de *assinatura* e *signo*, e estabelecendo uma concepção muito próxima à teoria benjaminiana a respeito da linguagem.

A linguagem falada, para Benjamin (1970; 1994; Seligmann-Silva, 1999), se constitui em aceitar finalmente a “Doutrina das semelhanças”, pela capacidade mimética do ser humano ao apreender pelos sentidos do corpo as semelhanças (semelhanças não-sensíveis) e traduzi-las por meio da linguagem. Ou seja, por meio das semelhanças, da força “fisiognômica”, do caráter motivado, não-arbitrário, das palavras, traduz-se a expressão mimética mediada pelo corpo. Benjamin (1970, p. 49), ao afirmar que “A natureza engendra similitudes”, defende que o dom de perceber similitudes não se perdeu ao longo da história, foi transformado, entretanto sempre exerceu influência na linguagem, uma espécie de apoio fugaz. A linguagem se constitui, portanto, em um ambiente para o qual o arquivo de similitudes imateriais emigrou, sem resíduos, e tornou-se a etapa máxima do comportamento mimético.

Essa premissa remete para Agamben (2019, p. 100), em sua leitura de Benjamin: o elemento mimético (ou semelhança imaterial), a “uma verdadeira e autêntica filosofia da assinatura”. Assim, a capacidade mimética coincide exatamente com a capacidade de reconhecer as assinaturas. Em outras palavras, a definição do elemento mimético da língua, conforme elaborado por Benjamin (1970), corresponde à definição dada por Agamben para a *assinatura*. Isso quer dizer que, na linguagem, o elemento mimético é o nexos significativo (semiótico) portador da semelhança, mas que ocorre como um lampejo, isto é, em um instante muito curto, tal como Greimas descreveu a estesia em *Da imperfeição* e, em conjunto com Fontanille, *Semiótica das Paixões*, em que o corpo que percebe media e transforma o mundo em sentido, isto é, em língua.

Entretanto, a *assinatura* refere-se à legibilidade de um signo, ao nexos significativo que se dá no ser humano, portanto, pela semelhança que ocorre de forma muito rápida entre o arquivo (linguagem) e a experiência vivida naquele exato momento (capacidade mimética). Inferimos, assim, que a *assinatura* é dada a partir de uma experiência específica de um sujeito da enunciação e inscrita em seu enunciado, pelas escolhas realizadas na e pela linguagem. Isso significa que os sujeitos da enunciação podem, em outras experiências, repetir a mesma assinatura, de forma que, sendo homologada socialmente, passa a ser historicizada. Os sujeitos da enunciação podem, também, inscrever uma nova assinatura, e ressignificar o lexema. Quanto à historicidade, cabe lembrar, portanto, que a língua é o “mais perfeito arquivo de similitudes imateriais” (Benjamin, 1970, p. 52) e, enquanto arquivo, também condiciona *assinaturas* históricas que determinam e condicionam a legibilidade de um signo temporalmente.

Greimas e Fontanille (1993) compartilham de forma semelhante que a língua condiciona as figuras exteroceptivas e, pela mediação do corpo, são interiorizadas constituindo a figuratividade, que é o modo de pensamento do sujeito. Além disso, conforme os autores enfatizam, o processo mediativo do corpo, o sentir não é inocente. Há um acréscimo, ou seja, uma inscrição do próprio corpo/sujeito nas categorias proprioceptivas que estabelece seu “perfume” tímico. Mas não somente isso, a nossa premissa é de, em resposta a Landowski (2005) e às pistas deixadas por Greimas, a *assinatura* abrange tanto a experiência estética como a da rotina cotidiana, da anestesia.

Nesse sentido, as proposições de Agamben levaram-nos a deduzir que a *assinatura* traz contribuições à estrutura da significação e às condições para o estabelecimento da isotopia discursiva. Agamben (2019) procurou destacar o lugar no qual a Teoria das assinaturas se encontra no ato da enunciação, o que traz uma perspectiva que converge e complementa o que Greimas (1973) já havia percebido quanto à isotopia no texto, embora não tenha explorado de forma específica.

3. A possível contribuição da Teoria das assinaturas

As duas últimas obras de Greimas (*Da imperfeição*, 2002), e, em conjunto com Fontanille (*Semiótica das Paixões*, 1993) nos remetem para a estrutura elementar da significação e manifestação da significação, tendo como pressuposto o discurso como criador de uma hierarquia sintática de pressuposição lógica do mundo sensível: sinto/percebo → que digo → que faz frio (Greimas, 1973). Ou seja, a estrutura elementar da significação tem início com a percepção de discontinuidades, de diferenças, de fraturas, de acidentes e também do não-acontecimento e da espera, que se resume na busca de sentido pelo ser humano. Independentemente do acontecimento ou do não-acontecimento, “a inteligibilidade do sensível” acontece e se estabelece com a presença de dois termos simultaneamente e das relações que se dão entre eles.

Semioticamente, a relação entre e a presença simultânea de termos é condição imprescindível da significação, da mesma forma como será de natureza disjuntiva e conjuntiva. Seja na doutrina das semelhanças, seja na semiótica, para que se estabeleça uma relação, é necessário que tenham algo em comum, alguma semelhança (questão da semelhança x identidade), ao mesmo tempo em que possuam distinções (questão da diferença x não-identidade). Na semiótica, essas relações podem se manifestar em todos os níveis linguísticos e são designadas de estrutura elementar. As relações que se dão no plano semântico, em que há um denominador comum entre os dois termos, designam-se eixo semântico. Nessa sequência, o eixo semântico pode captar e descrever a estrutura

elementar, porque estão sendo analisados e comparados os elementos de significação, isto é, os *semas*.

Na metalinguagem elaborada por Greimas, os *semas* se caracterizam como elementos constitutivos do termo-objeto, isto é, um *sema* é uma característica/qualidade do termo-objeto (*lexema*), que é definido pela coleção de *semas* (características). O *lexema* pertence à língua-objeto e se realiza no discurso, conseqüentemente, a língua é um sistema de estruturas de significação, que integra a relação entre o *sema* e a categoria *sêmica* e manifesta-se na enunciação (acontecimento-comunicação). Dessa forma, a junção entre o significante e o significado ocorre nessa instância e faz aparecer os *fonemas* e os *lexemas*, as unidades mínimas do discurso. Importante observar que Greimas considera o *lexema* um lugar de encontro histórico e submetido à história, pois, apesar de fixo, é da ordem do acontecimento, além de ser um lugar de manifestação e encontro de *semas* oriundos de categorias e sistemas sêmicos diferentes com relações hierárquicas entre si.

Nesse sentido, ao longo da história, o *lexema* pode receber novos *semas*, como pode perder alguns, entretanto possui “uma unidade de comunicação relativamente estável, mas não imutável” (Greimas, 1973, p. 52). Apenas no discurso é que teremos a fonte de informações sobre as significações imanentes, lexicalizadas, considerando a diversidade das formas de manifestação das relações entre os *semas*, seja dentro de um *lexema* ou entre os *semas* de mais de um *lexema* (sintagmas e enunciados). O autor acrescenta que poderemos ter o efeito de sentido único dentro das relações entre os *semas*, um *sema contextual*, como um denominador comum a uma classe de contextos. O efeito de sentido que é proporcionado pela combinação de um *núcleo sêmico* (um mínimo sêmico permanente, uma invariante, um arranjo hipotático de *semas*) com um *sema contextual* (*clasema*), um núcleo contíguo que constitui o *semema*. Isto é, *semema* configura a realização do *lexema* em significação efetiva, além disso, traz a “dimensão contextual e discursiva da manifestação do sentido”, conforme Bertrand (2003) observa e aponta como uma vantagem ao impor a análise discursiva.

Essas definições na episteme de Greimas e a questão da *figura nuclear* (simples ou complexa), que compreendem as relações hierárquicas do núcleo sêmico, são fundamentais, a fim de demonstrar a existência das *assinaturas* de forma mais clara. O semiótico lituano chegou, assim, ao entendimento sobre a questão da homogeneidade do plano da descrição para a análise da significação: compreendeu que o elemento comum a toda classe, isto é, a relação que se estabelece na significação, é uma articulação sêmica, ou melhor, a presença de “uma figura nuclear que respeita a ordem do significado” (Greimas, 1973, p.80).

O conceito dado à figura nuclear estabelece a forma como podemos identificar a *assinatura*: “um arranjo de semas que vai das diferentes manifestações possíveis da estrutura elementar aos agrupamentos mais complexos, que ligam entre si os semas pertencentes a sistemas relativamente independentes” (Greimas, 1973, p. 67). Ou ainda, como bem descreveu Bertrand (2003), a substância do conteúdo corresponde ao “crivo”, isto é, à *assinatura* da “leitura do mundo sensível” vinculada a uma dada cultura. Os *semas* constituem um dos sentidos do lexema - o verbete de dicionário - que foi assinado culturalmente em um determinado contexto. As significações/*assinaturas* realizadas dentro de um lexema são analisáveis em função de um núcleo sêmico que é permanente e possibilita uma apreensão para ser usada em diferentes contextos.

A *figura nuclear*, portanto, corresponde à *assinatura* no *lexema*, e o *semema*, que se constitui pelo efeito de sentido único a um *classema*, corresponde a uma *assinatura* na isotopia das mensagens e dos textos, pois se refere à permanência de um efeito de sentido ao longo da estruturação do discurso. Assim, as *assinaturas* se fazem presentes em todas as hierarquias na estrutura da significação, a partir da generalização feita pelo autor:

se as figuras sêmicas, simples ou complexas, dependem do nível semiológico global, dos quais são simples articulações particulares prontas a se investir no discurso, os classemas, de seu lado, se constituem sistemas de caráter diferente e pertencem ao nível semântico global, cuja manifestação garante a isotopia das mensagens e dos textos. (Greimas, 1973, p. 73)

Para podermos esclarecer ainda mais as relações entre os postulados de Greimas e a *assinatura*, devemos prosseguir explorando suas explicações sobre a isotopia. Assim, para que essa aconteça, é necessário um contexto mínimo, ou seja, duas figuras sêmicas (sintagma). Dentro do funcionamento normal do discurso, a expansão é uma característica que amplia a apresentação de um lexema para unidades sintáticas e para além das dimensões da frase. Do ponto de vista semântico, quando a expansão fica restrita aos limites da frase, é designada definição discursiva, e, do ponto de vista lexicográfico, consiste em substituir uma ou várias sequências sintáticas mais amplas (sememas) que o lexema por um lexema catalisador, designada por definição lexicográfica. Já o processo de decodificação compressiva das mensagens em expansão, o modo de funcionamento metalinguístico do discurso se estabelece por condensação. Um exemplo desse processo é o que ocorre nas palavras cruzadas, no qual apresentam-se definições que requerem termos definidos. Assim, a denominação se estabelece como uma forma de condensação. Greimas conclui que no

funcionamento metalinguístico do discurso haverá sempre o movimento oscilatório entre a expansão e a condensação, a definição e a denominação.

Ainda com relação à isotopia, somos apresentados ao isomorfismo das figuras, que deve ser considerado enquanto denominador comum para reunir escolhas, cujos núcleos inicialmente aparecem heteróclitos. Trata-se de uma categoria subjetiva, integrada na própria percepção, que envolve os *semas* euforia versus disforia, que podem ser traduzidos, de forma bem simples, como resultado agradável versus resultado desagradável. Contudo, apenas o texto não reúne todas as condições para estabelecer a isotopia: o processo cognoscente anterior (memória cultural, ideologias ou visões de mundo) e o momento do acontecimento são necessários à análise do discurso. Nesse sentido, as definições não estão todas dadas, a priori, no texto, mas integradas no texto e fora dele, no contexto global da enunciação, constituindo-se definições oblíquas. Assim temos definições determinadas no texto, que são as de caráter idioletal, e outras que lhe são externas, sociais, que se estabelecem em isotopia coletiva (ideologias ou visões de mundo, memória cultural).

Para realizar a análise da isotopia, portanto, podemos utilizar as definições abordadas por Greimas (1973, p. 99, 121), uma vez que a análise das definições possibilita investigar a natureza dos semas, principalmente desvendar as figuras nucleares nos lexemas e confirmar a isotopia. A análise definicional compreende: definição lógica, definição lexicográfica, definição discursiva e definição oblíqua. A primeira, aristotélica, objetiva a descrição pelas semelhanças e diferenças, limitativa e unívoca, a essência dos seres.

A definição lexicográfica assemelha-se às definições solicitadas nas palavras cruzadas, que substitui sintagmas em um lexema catalisador, e que mostra o funcionamento de uma língua natural. Greimas (1973) correlaciona a definição lexicográfica à denominação por condensação, pois se trata de uma decodificação compressiva de mensagens em expansão. Esse procedimento é funcional por permitir uma tradução do código pelo próprio código e encontrar a figura nuclear entre os sememas do lexema. Dentro dessa definição as *assinaturas* identificadas pelos sememas são as que já estão registradas/homologadas culturalmente e a figura nuclear encontrada resultará na *assinatura* mais próxima da originária, da primeira *assinatura*.

A terceira, a definição discursiva, se assemelha à primeira, porém é livre e aproximativa, é a inversão da segunda, ou seja, uma expansão semântica e está restrita aos limites da frase e do texto. O procedimento nesse caso está em relacionar dentro do texto por similaridade ou por aproximação, de forma que os semas são selecionados pela redundância de informação. A figura nuclear a ser encontrada no lexema resultará da sua redundância de sentido dentro do discurso. Nesse sentido, a assinatura encontrada pela figura nuclear será a

assinatura contextualizada, podendo ser ressemantizada e criar uma nova *assinatura*. Ou seja, a definição discursiva demonstra se os lexemas utilizados no texto reiteram a assinatura ou se a modificam.

A última definição, a oblíqua, trata da seleção cultural, interdiscursiva, difícil de ser realizada por uma análise mecânica, porque depende de apreciação subjetiva do analista. O procedimento na definição oblíqua pressupõe um conhecimento anterior à descrição, de “um universo semântico armazenado”, o qual nem sempre é possível recuperar. Greimas designa essa definição como uma definição-acontecimento firmada em uma relação lógica entre o sema e sua realização no tempo e no espaço da produção discursiva. A *assinatura* encontrada pela figura nuclear é aquela cristalizada pela práxis enunciativa, identificável pela comparação entre os diversos enunciados produzidos no mesmo período e espaço.

As assinaturas estabelecem um parâmetro para definição oblíqua, pois, uma vez identificada, produzem modelos de previsibilidade para análises posteriores, da mesma maneira como Greimas (2014) sugeriu a respeito das descrições lexemáticas. Isso porque as assinaturas são estruturas discursivas e narrativas complexas, uma vez que envolvem relações de poder e de visão de mundo. Para Agamben (2019), as assinaturas engendram os conceitos e os ultrapassa, conduzindo e restringindo sua interpretação, de forma que não admita outro conceito ou novo significado, além de direcionar para uma esfera ideológica. Quanto a esse aspecto, o autor cita o exemplo do conceito de “secularização” que remete à sua origem teológica e sempre que utilizada colocará em presença essa perspectiva ideológica. Dessa forma, assim como Greimas (1973; 2014) apontou no estudo sobre os lexemas, os conceitos também condensam uma narrativa complexa, mesmo que não esteja explícita. Já para Agamben (2019), todos os lexemas são assinados, ou seja, possuem uma estrutura axiológica que, em um discurso qualquer, aponta para o interdiscursivo, e vice-versa.

Nessa perspectiva, atualmente algumas comunidades estão apontando para alguns lexemas que possuem caráter discriminatório e propondo que não sejam mais usados. Podemos citar alguns exemplos desses lexemas que carregam investimento de valores disfóricos, principalmente quando usados em sentido conotado, como: denegrir (tornar negro); judiar (maltratar judeu); doméstica (domesticar); meia-tigela; lista negra; etc. Até bem pouco tempo, tais lexemas e locuções, estavam tão naturalizadas na práxis enunciativa de forma que os sentidos disfóricos não eram percebidos, isto é, a presença de certos valores não estava sendo percebida.

Para explorarmos a perspectiva aqui descrita, apresentaremos alguns resultados depreendidos pela análise definicional com materialidades

pertencentes ao *corpus*, conforme os critérios citados nas considerações iniciais. As análises também permitem demonstrar que a presença de assinaturas possibilita estabelecer uma metodologia para a definição oblíqua. Nesse sentido, a metodologia para estabelecimento do *corpus*, o conceito de assinatura e a metodologia da semiótica discursiva podem demonstrar a presença e a ausência de determinações ideológicas de poder e a isotopia que se apresenta, a partir da assinatura.

Nas análises realizadas com o lexema *favela*, identificamos na definição lexicográfica, a presença de dois a três sememas:

1. [Do top. *Favela* (<*fava* + *ela*), do Morro da *Favela* (RJ), assim denominado pelos soldados que ali se estabeleceram ao regressar da campanha de canudos] *S. f. Bras.* Conjunto de habitações populares toscamente construídas (por via de regra em morros) e com recursos higiênicos deficientes. [Sin.: *morro* (RJ) e *caixa-de-fósforos* (SP). Cf. *bairro de lata*.]

2. [De *fava* + *ela*; lat. Cient. *favella*] *S. f. V.* faveleiro.

3. Faveleiro: [De *favela* + *eiró*.] *S. m. Bras. PI a SP Bot.* Arbusto grande da família das euforbiáceas (*Jatropha phyllacantha*), de flores alvas, dispostas em cimeiras, e cujo fruto e cápsula verrucosa, escura, com sementes pardacentas e oleaginosas; *favela*, *faveleira*, *mandioca-brava*. (Ferreira, 2004, p. 879)

Os semas permitem identificar, como figura nuclear e definição lexicográfica, um tipo ou local de *habitação* e um tipo específico de *arbusto*, com características específicas, entretanto, apenas dentro de um contexto poderá determinar o sema contextual. Em nosso *corpus*, os textos selecionados, conforme os excertos a seguir, permitiram determinar a habitação popular como sema contextual. A definição discursiva depreendida para a notícia analisada compreende uma habitação coletiva popular, vertical e no centro, e no poema a habitação coletiva popular (excerto 1). A *assinatura* identificada na análise foi estabelecida como um tipo de habitação popular coletiva com pouca infraestrutura (excertos 2 e 3) e um tipo de planta (excerto 4).

1. Anunciado nesta segunda-feira (20), a possível transformação do Hotel Campo Grande, localizado na rua 13 de Maio região central, em um condomínio popular trouxe um clima polêmico para quem vive na região. [...] Apesar das opiniões nas redes serem de que o projeto se trata de um 'favelão vertical', a ideia, para alguns comerciantes da região, não é de mau gosto. [...] Há aqueles que acreditam numa seleção criteriosa. "Depende do público que vão colocar ali. Não dá para ser qualquer um. Se você vai colocar universitários, ok, porque vem estudar. Mas se você abrigar

qualquer pessoa é um risco né. Tem que investir em segurança”, replicou um chaveiro da região. (Chuva, 2019, n.p)

2. A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
o fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela (Evaristo, 2008, p. 10)
 3. Pelas fendas do machucado zinco,
folhas escaldantes de nosso teto,
invasivos raios confrontavam
pontos de mil quentura.
E Jorrantes jatos de fogo
Abrasavam o vazio
de um estorricado chão
[...]
de um buraco - janela sem janela –
acontecido no centro de uma frágil parede.
(rota de fuga de uma presa a inventar a extensão de um
prado)
- Eu não sei por que, ela olhava o tempo
e nos chamava para perscrutar
em que lugar morava a esperança. (Evaristo, 2014, p. 571)
4. Todas traçam, afinal, elítica curva fechada ao sul por um morro, o da Favela, em torno de larga planura ondeante onde se erigia o arraial de Canudos. [...] Galgava o topo da Favela. Volvia em volta o olhar para abranger de um lance o conjunto da terra. E nada mais divisava recordando-lhe os cenários contemplados. Tinha na frente a antítese do que vira. Ali estavam os mesmos acidentes e o mesmo chão, embaixo, undamente revolto, sob o indumento áspero dos pedregais e caatingas estonadas... Mas a reunião de tantos traços incorretos e duros — arregoados divagantes de algares, sulcos de despenhadeiros, socavas de bocainas, criava-lhe perspectiva inteiramente nova. E quase compreendia que os matutos crendeiros de imaginativa ingênua, acreditassem que "ali era o céu...". [...] As *favelas*, anônimas ainda na ciência — ignoradas dos sábios, conhecidas demais pelos tabaréus — talvez um futuro gênero *cauterium* das leguminosas [...] Ora, quando ao revés das anteriores as espécies não se mostram tão bem armadas para a reação vitoriosa, observam-se dispositivos porventura mais interessantes: unem-se, intimamente abraçadas, transmudando-se em plantas sociais. (Cunha, 1984, p. 14, 15, 25)

A primeira *assinatura*, em ordem cronológica considerando o período de circulação das notícias sobre a guerra de Canudos (1896-1897), conforme a figura nuclear, o lexema favela refere-se a um tipo planta. Como a planta existia em abundância no morro próximo a Canudos onde as tropas federais acamparam, esse morro recebeu o nome de Morro da Favela, conforme narrado na obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha (1984), ressemantizando o lexema e atribuindo nova *assinatura*. Conforme a definição lexicográfica, os soldados que retornaram de Canudos solicitaram ocupar o Morro da Providência para se instalarem, uma vez que a moradia prometida antes da guerra não foi cumprida. De acordo com Nascentes (1966), o nome dado foi “ou por lembrança do de Canudos ou por alguma semelhança que encontraram”, o fato é que “o nome se generalizou para ‘conjunto de habitações populares, construídas com materiais improvisados (madeira de caixotes, folhas de lata, etc.) e geralmente em desacordo com as disposições legais’” (Nascentes, 1966, p. 320).

De acordo com a definição oblíqua, por comparação entre os textos do *corpus*, verificamos que a *assinatura* historicizada inscrita no lexema *favela* refere-se a um conjunto de habitação popular construída com materiais improvisados com infraestrutura precária e possui investimento de valores disfóricos. Os valores disfóricos inscritos no lexema incidem, ainda, sobre os moradores da favela, de tal forma, que sejam desqualificados igualmente. Entretanto, nos textos cujos enunciadores pertencem ou pertenceram às comunidades (favelas) há modalizações que ressemantizam o lexema com valores eufóricos e inscrevem a assinatura de um *lar*, embora transitório, pois é um lugar de *esperança*. Os moradores da favela possuem talentos e potenciais para se inserirem dignamente em qualquer setor fora dela. Na fotografia *Beleza interior* (Favelagrafia, 2016), foi possível depreender² a co-presença de ambas as assinaturas, porém modalizando o enunciatário para contemplar a beleza que há no interior da favela (Ilustração 1).

² A análise realizada da fotografia *Beleza interior* (Favelagrafia, 2016) encontra-se em um artigo submetido à Revista Gragoatá em 03 de setembro de 2020.

Figura 1: Beleza interior.



Fonte: Favelagrafia (2016).

Nessa análise que realizamos, inferimos que, como a figura da mulher não está completamente nua, seus adornos (piercing, tatuagem e calcinha de renda) estabelecem relações com a cultura, o que resulta na busca, pelo sujeito da enunciação, em negar o olhar centrado no caos, na violência, na assimetria, na fealdade. A forma do nu é aqui reconhecida como mediador, conforme exposto nas análises realizadas por Floch (1985, p. 36), e possibilita constatar a linguagem poética da obra ao instaurar articulações correlatas e paralelas pela /natureza/ na relação entre o plano de expressão e o plano de conteúdo.

Identificamos, pelo enquadramento da modelagem, o afastamento de clareza com o uso de sombras (jogo de luz e sombra) e o contraste entre o pictórico e o linear, cuja característica barroca pode ser apreendida. Esse jogo de luz e sombra, como também pelo ponto vs. linha produz o efeito de movimento e concentração sobre a beleza interior da favela. Além disso, a luz dura/direta sobre o exterior acentua as suas imperfeições no exterior e homologa o plano do conteúdo, *beleza/interioridade/natureza* vs. *fealdade/exterioridade/cultura*. Essas figuras do plano de expressão também destaca os detalhes (defeitos) da unidade da cultura (rigor da forma), ao mesmo tempo em que liberta a forma da mulher (beleza interior) ao não mostrar tudo (ZILBERBERG, 1992).

Ainda conforme Zilberberg (1992), a “poética da concentração” produz o efeito de sentido de ocultar o estado de devir como descrito por Greimas (2002, p. 33) com a visão de Palomar ao perceber os seios nus: “o objeto estético se transforma em ator sintático que, manifestando de tal modo sua ‘pregnância’, avança sobre o sujeito-observador”. Esse mesmo efeito estético é percebido na fotografia “Beleza interior” produzindo um “querer recíproco de conjugação” e, como um relâmpago (*guizo*), “representa figurativamente e consagra a superação de fronteira” (GREIMAS, 2002, p. 34) entre a favela e a cidade, em que o sujeito da enunciação entra em comunhão com a beleza existente na favela.

A beleza da favela figurativizada na fotografia *Beleza interior* e nas demais fotografias do projeto pode ser utilizada em uma tradução intersemiótica com os poemas citados anteriormente de Conceição Evaristo e com a descrição poética das favelas na obra *Os Sertões*:

As *favelas*, anônimas ainda na ciência — ignoradas dos sábios, conhecidas demais pelos tabaréus — talvez um futuro gênero *cauterium* das leguminosas, têm, nas folhas de células alongadas em vilosidades, notáveis aprestos de condensação, absorção e defesa. Por um lado, a sua epiderme ao resfriar-se, à noite, muito abaixo da temperatura do ar, provoca, a despeito da *secura* deste, breves precipitações de orvalho; por outro, a mão, que a toca, toca uma chapa incandescente de ardência inatural.

Ora, quando ao revés das anteriores as espécies não se mostram tão bem armadas para a reação vitoriosa, observam-se dispositivos porventura mais interessantes: unem-se, intimamente abraçadas, transmutando-se em plantas sociais. Não podendo revidar isoladas, disciplinam-se, congregam-se, arregimentam-se. (Cunha, 1984, p. 25)

Nos textos do nosso *corpus* em que há a presença do lexema *gauche*, depreendemos que a figura nuclear é estabelecida pela espacialidade (lateral esquerda). Os traços de personalidade de restrição nos semas *acanhado* e *inepto* são decorrentes da *lateralidade* esquerda para os indivíduos que usam preferencialmente a mão esquerda, pelo constrangimento de não possuir habilidades com a mão direita: “Gauche: [gof] [Fr.] Adj. 2 g. Acanhado, inepto; esquerdo.” (Ferreira, 2004, p. 970)

Nos textos do *corpus* com a presença do lexema *gauche*, a figura nuclear não corresponde precisamente à figura nuclear encontrada nos semas presentes nos dicionários. Comparando vários dicionários, os semas presentes sempre remetem para a mesma figura nuclear *lateralidade esquerda*, com exceção do Aulete digital, que acrescenta o sema *torto* e a primeira estrofe do *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade:

(fr.) a2g. 1. Diz-se de indivíduo tímido, retraído, canhestro, torto: "Quando eu nasci um anjo torto/ desses que vivem na sombra/ disse: Vai Carlos! Ser gauche na vida." (Carlos Drummond de Andrade, "Poema de sete faces") s2g. 2. Esse indivíduo. (Aulete, 2020, grifo do autor)

A definição discursiva, depreendida dos textos, aponta para a figura nuclear *desvio* na espacialidade (oblíquo). No sentido figurado, oblíquo significa: "Indireto; malicioso; dissimulado, ardiloso; sinuoso" (Ferreira, 2004, p. 1421), cujos semas correspondem à figura nuclear *desvio* de um padrão de personalidade. Contudo, nos textos analisados, a definição oblíqua mostra-se útil para compreendermos a assinatura do desvio do padrão de personalidade. De acordo com Vernant (1990), o espaço organizado pela mitologia grega estabeleceu divisões para os deuses, para os homens e para a morte e os deuses subterrâneos. No mesmo sentido, também definiu as direções com sentidos diferentes: "a direita é propícia, a esquerda é funesta" (Vernant, 1990, p. 247).

Entretanto, no *Poema de sete faces*, Drummond explorou figurativamente os semas do sentido figurado do lexema *torto*, na figura nuclear do *oblíquo* (atravessado), que estabeleceu uma isotopia para o *ser gauche*. Os lexemas no interior do poema estabelecem relações de contrariedade: *anjo vs. torto-sombra, desejos e coração vs. olhos, sério-forte-Deus vs. fraco- abandonaste-fraco-mundo- lua-conhaque-comovido-diabo*, por exemplo. Com isso, Drummond inscreveu uma *assinatura*, um novo semema para o lexema *gauche*: um nexos significativo entre as semelhanças percebidas pelo sensível e o inteligível. O *ser-gauche*, descrito por Drummond com valores eufóricos, foi incorporado pela cultura brasileira, pois define positivamente o ser sensível e inteligível, complexo, que se sente livre e independente, inovador, e se desvia de um padrão comum, como pode ser observado nos outros textos do *corpus* (excertos 5 e 6):

5. De origem francesa, a palavra *gauche* (que poderia ser traduzida como "esquerda") ganhou espaço na nossa língua com o poeta Carlos Drummond de Andrade, que a utilizou para definir aquilo que estava à margem.

O adjetivo dá nome ao novo projeto musical do Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília, "Anjos tortos, a MPB *gauche* na vida", que começa nesta quinta-feira (15) com show de Max de Castro. O cantor vai interpretar músicas do seu pai, Wilson Simonal.

"Tanto os homenageados quanto quem os homenageia têm em comum essa levada *gauche*: um temperamento movido à liberdade, independência, sem qualquer aspiração de fazer parte da grande indústria e seguir a fórmula do sucesso fácil e rentável", afirma a curadora do projeto, a escritora e jornalista Mônica Ramalho. Ela avalia que a postura "torta" desses artistas foi

importante para que eles produzissem obras originais. “Só vivendo à margem como eles viveram para compor músicas tão contundentes e inovadoras.” (Tavares, 2011, n.p.)

6. Em agosto, as cachorras ficam ainda mais férteis e os cachorros brigam mais, largando mordidas para todos os lados. O governo costuma fazer campanha pela vacinação contra a raiva canina nessa época. É o “mês do cachorro louco”. Que gosto é esse de prestar atenção pra tudo o que acontece de ruim em agosto? Na verdade, trata-se apenas de superstição, uma brincadeira que acabou virando mania. Não há nenhuma razão para não gostar de agosto. Se o mês de agosto pudesse se defender, certamente citaria: “prefiro os que me criticam, porque me corrigem, aos que me elogiam, porque me estragam”. O autor da frase? Santo Agostinho. (Medeiros, 2019, n.p.)

Prosseguindo em nossas deduções, e avançando para o nível superficial, das estruturas discursivas, as *assinaturas* se farão presentes, portanto, na figuratividade, uma vez que designa a propriedade que as figuras têm de sugerir semelhanças, representar, imitar o mundo, como também de restituir parcialmente as significações semelhantes às nossas experiências. Inferimos, portanto, que as realizações culturais que se ligam aos processos figurativização e de isotopia corroboram para a atualização e realização das assinaturas. Esse pressuposto fundamenta-se na concretização dos elementos semânticos que ocorre no nível da semântica narrativa, ou, conforme Greimas e Courtés (2016), onde acontece a atualização dos valores pela junção com os sujeitos da narrativa de superfície. Esse é o lugar no qual se iniciam as determinações ideológicas e que vão ocorrer de forma mais efetiva em um nível acima, ou seja, nas estruturas discursivas. Nesse último encontram-se a sintaxe e a semântica discursiva, nas quais ocorre a exploração dos percursos figurativos que atravessam os discursos. A semântica discursiva abrange os procedimentos de escolhas de figuras (figurativização), de configurações discursivas (micronarrativas) e de temas (tematização) e a sintaxe discursiva abrange os procedimentos de actorialização (categoria de pessoa), temporalização (categoria de tempo) e espacialização (categoria de lugar). Nesse sentido, conforme afirma Fiorin (1998, p. 21), “é no nível superficial, isto é, na concretização dos elementos semânticos da estrutura profunda, que se revelam, com plenitude, as determinações ideológicas”.

No processo de tematização do discurso, as determinações ideológicas formulam valores por recorrência de traços semânticos ou semas de modo abstrato, ou seja, usam-se elementos semânticos [temas] que exprimem um elemento não-presente, mas observável, do mundo natural, como, por exemplo, amor, alegria, liberdade, medo, timidez, inabilidade, etc. Já na figurativização,

utilizam-se elementos semânticos que fazem uma correspondência ao elementos do mundo natural, como, por exemplo, *árvore*, *casa*, *vermelho*, etc. Cabe aqui salientar, conforme aponta Fiorin (1998), que a distinção não é fácil de realizar, considerando que a escala de gradação entre esses dois polos (concreto x abstrato) é muito variável. Assim, a manifestação da ideologia na figurativização ocorre pela relação que se dá entre a seleção de figuras em comparação aos temas abordados, enquanto na tematização, está mais claramente manifestada por conta dos próprios temas abordados. Barros (2004, p. 13) afirma que as figuras “concretizam sensorialmente os temas e dão a eles ‘corporalidade’”, ou seja, produzem efeitos de sentido de coerência discursiva (isotopia discursiva) ao texto e “de realidade, de corporalidade, individualidade ou criatividade”.

São nas estruturas discursivas, portanto, que as assinaturas se manifestam: os enunciados, assim como as assinaturas, não instauram relações semióticas, tampouco criam novos significados, mas assinam e caracterizam os signos no nível de sua existência e, fazendo-os “falar”, significar algo (Agamben, 2019). Por consequência, a assinatura, sem mudar a materialidade do objeto, muda nossa relação com ele, ou seja, não expressa simplesmente uma relação semiótica entre um significante e um significado, mais do que isso, insistindo nessa relação, pode até coincidir com ela, mas a desloca para outro escopo e insere uma nova rede de relações pragmáticas e hermenêuticas. Em outras palavras, a *assinatura* se faz presente nas práticas sociais de grupos e encontram-se, portanto, no interdiscurso, atualizando-se, realizando-se no intradiscurso e agindo sobre a isotopia do discurso.

4. Considerações em trânsito

Esta proposta encontra-se em desenvolvimento, porém, os resultados das primeiras análises demonstram que é possível identificar as assinaturas pela semiótica discursiva. Embora não tenhamos focado no aspecto tensivo nos exemplos citados, o nexos significativo, isto é, a assinatura, se constitui pelo processo mediativo do corpo, portanto envolve valores. Nesse sentido, a *assinatura* vem a ser um conceito que contribui no processo de análise dos discursos, principalmente para didatizar como a língua abarca as determinações ideológicas e que, por desconhecimento das *assinaturas*, valores são repetidamente reiterados sem uma reflexão crítica. As análises que a semiótica discursiva proporciona poderão demonstrar que alguns lexemas, como *mulata*, *denegrir*, *judiar*, fazem circular valores disfóricos inscritos ideologicamente nas *assinaturas*, conforme Greimas (2014) evidencia na metodologia utilizada para a análise sobre a cólera.

A convergência que podemos estabelecer entre a Teoria das Assinaturas e a episteme de Greimas é a demonstração do processo de assinalação de forma

clara: a figura nuclear corresponde à assinatura no lexema, e o semema, que se constitui pelo efeito de sentido único a um classema, corresponde a uma *assinatura* na isotopia das mensagens e dos textos, pois se refere à permanência de um efeito de sentido ao longo da estruturação do discurso. Na análise da isotopia, utilizando a análise definicional de Greimas, a *assinatura* se apresenta na definição lexicográfica, enquanto lexema catalisador; na definição discursiva, a *assinatura* se mostra na reiteração de semas que corroboram a permanência de um mesmo sentido; e, por último, na definição oblíqua, que trata da seleção cultural, interdiscursiva, as escolhas culturais realizadas nos textos, reiteram ou procuram ressemantizar a assinatura com modulações das intensidades de ausência e presença de valores eufóricos ou disfóricos, que não evita a co-presença da *assinatura*. Além disso, as assinaturas agem sobre a isotopia do discurso, mesmo quando o sentido global do texto esteja determinando o sentido sobre os lexemas, uma vez que a não-presença também produz efeitos de sentido. ●

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Signatura rerum: sobre o método*. Trad. Andrea Santurbano e Patrícia Peterle. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ANDRADE, Carlos Drummond. Poema de sete faces. In: ANDRADE, Carlos Drummond. *Alguma poesia*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 11-12.
- BARROS, Diana. Publicidade e figurativização. *Alfa*, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 11-31, 2004.
- BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. A capacidade mimética. In: ADORNO, Theodor *et al.* *Humanismo e comunicação de massa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru-SP: EDUSC, 2003.
- CHUVA, Ana Paula. Medo de 'favelão' no Centro divide opiniões, mas arquiteto diz que projeto segue tendência mundial. *Jornal Midiamax*, Campo Grande-MS, 20 ago. 2019. Disponível em: <https://www.midiamax.com.br/cotidiano/2019/medo-de-favelao-no-centro-divide-opinioes-mas-para-arquiteto-projeto-segue-tendencia-mundial>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Três, 1984. [versão e-book]
- EVARISTO, Conceição. Só de sol a minha casa. Londres, *Braziliana – Journal for Brazilian Studies*, v. 3, n. 1, p. 567-573, jul. 2014. p. 571 Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/17777/15545>. Acesso em: 20 ago. 2019.

- EVARISTO, Conceição. Vozes mulheres. In: EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. p. 10-11.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FLORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- GAUCHE. In: *Dicionário Aulete digital*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2020. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/gauche>>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural*. Trad. Haqira Osakape e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. 1. ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.
- GREIMAS, Algirdas J.; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. 2. ed. Trad. de Alceu Dias Lima; Diana Luz Pessoa de Barros; Eduardo Peñuela Cañizal; Edward Lopes; Ignacio Assis da Silva; Maria José Castagnetti Sombra; Tiekō Yamaguchi Miyazaki. São Paulo: Contexto, 2016.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- LANDOWSKI, Eric. Para uma semiótica sensível. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 30, n. 2, jul/dez, 2005. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12417>>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.
- MEDEIROS, Daniel. Quem não gosta de agosto?. *Campo Grande News*, Campo Grande, 01 ago. 2019. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/artigos/quem-nao-gosta-de-agosto>. Acesso em: 21 de agosto de 2019.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: INL, 1966.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio. *Ler o livro do mundo: Walter Benjamin, Romantismo e crítica literária*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- TAVARES, Jamila. Começa nesta quinta projeto que homenageia 'gauches' da MPB. *G1*, São Paulo, 15 set. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2011/09/comeca-nesta-quinta-projeto-que-homenageia-gauches-da-mpb.html>. Acesso em: 26 agosto de 2019.
- VALENTIM, Anderson. *Beleza interior*. 2016. 1 fotografia. Disponível em: <<http://www.favelagrafia.com.br/2016/borel>>. Acesso em: 03 jun. 2020.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. estudo de psicologia histórica. Trad. Haiganuch Sarian. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

**Discursive semiotics and the Theory of Signatures:
epistemological convergences**

SCHNEIDER, Carla Andreia

BATISTOTE, Maria Luceli Faria

Abstract: Our study proposal consists of the deductible relational epistemological reflection between discursive semiotics and the Theory of Signatures exposed by Agamben (*Signatura rerum: on the method*, 2019), more precisely the possible relations of convergence between signature and the construction of meaning signs and in the speech that is revealed by language. The marking process, therefore, involves the inscription of values that are in line with Greimas' epistemology. In the analysis of isotopy, using Greimas' definitional analysis, the signature appears in the lexicographic definition, as a catalyst lexeme; in the discursive definition, it is shown in the reiteration of semes that corroborate the permanence of the same meaning; and, finally, in the oblique definition, which deals with cultural selection, the cultural choices made by the enunciator in his relations with society and history, reiterate or seek to re-semanticize it with modulations of the intensities of absence and presence of euphoric or dysphoric values, which do not prevent the co-presence of the signature. The corpus used for the study consists of journalistic narratives that circulated in the media in Mato Grosso do Sul, in the month of August 2019, and others stated in different media from previous periods, in which the same figures were used.

Keywords: epistemology; discursive semiotics; isotopy; signature.

Como citar este artigo

SCHNEIDER, Carla Andreia; BATISTOTE, Maria Luceli Faria. Semiótica discursiva e a Teoria das Assinaturas: convergências epistemológicas. *Estudos Semióticos* [online]. Volume 16, número 3. Dossiê temático: "Semiótica e Epistemologia". São Paulo, dezembro de 2020. p. 166-184. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

SCHNEIDER, Carla Andreia; BATISTOTE, Maria Luceli Faria. Semiótica discursiva e a Teoria das Assinaturas: convergências epistemológicas. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 16.3. Thematic issue: Semiotics and Epistemology. São Paulo, december 2020. p. 166-184. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: year/month/day.

Data de recebimento do artigo: 20/07/2020.

Data de aprovação do artigo: 14/10/2020.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons License CC BY-NC-SA 4.0.

